

Irã tem de escolher entre acordo e rendição, diz Trump

EUA ainda não alcançou os objetivos estabelecidos no início da guerra

/ ORIENTE MÉDIO

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou ontem que o regime do Irã dá sinais duvidosos e que o país persa deve escolher entre um acordo ou “rendição total”. “A liderança iraniana é incredivelmente dúbia. Eles pedem uma reunião - alguns diriam que ‘imploram’ - as conversas começam, com outras já marcadas para o futuro imediato, e então dizem de forma aberta e orgulhosa que não estão tendo nenhuma conversa (com os EUA)”, afirmou o republicano em um post na Truth Social.

Trump disse que o bloqueio ao estreito de Ormuz se mantém e que continuará até que haja um acordo ou a “rendição total” da República Islâmica. As declarações ocorrem após Teerã afirmar ontem que não há negociações em andamento com Washington, contradizendo falas de Trump feitas um dia antes.

No domingo passado, o presidente norte-americano afirmou que uma nova rodada de negociações com Teerã começaria nesta segunda e que, por isso, ele havia suspenso novos ataques contra o país persa. Durante o fim de semana, o republicano repetiu um padrão que vem se consolidando nos últimos meses de conflito. Trump anuncia planos para lançar uma ofensiva apenas para recuar no último momento.

“Não estou procurando matar pessoas”, disse Trump a bordo do Air Force One no domingo. “Neste momento, o que estamos fazendo é conversar com eles, na forma de uma negociação. Isso começa amanhã à tarde”, afirmou, sem dar mais detalhes das supostas conversas.



Presidente tem repetido padrão de fazer ameaças e depois recuar

O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Irã, Esmail Baghaei, negou a afirmação. Segundo ele, Teerã não tem planos de receber delegações estrangeiras nem de enviar negociadores ao exterior nos próximos dias. Baghaei acrescentou que todos os negociadores iranianos estão no país, com exceção do ministro das Relações Exteriores, Abbas Araghchi, que está em uma peregrinação religiosa no Iraque. As únicas conversas em andamento, segundo ele, são com Omã sobre a gestão do estreito de Ormuz.

Ormuz tornou-se um dos principais obstáculos nos esforços para encerrar o conflito. O Irã fechou essa rota, disparando contra navios comerciais que tentassem furar o bloqueio. Antes da guerra, a passagem pelo estreito era livre, mas agora Teerã insiste em manter o controle e cobrar pedágios, algo que Washington rejeita.

Baqhaei declarou à televisão estatal que um acordo com Omã estava prestes a ser concluído. O Irã

vem rejeitando publicamente qualquer negociação com Washington desde que um memorando de entendimento firmado em junho, destinado a encerrar o conflito, fracassou no mês passado.

Trump ainda não alcançou os objetivos que estabeleceu no início da guerra: dismantlar o programa nuclear iraniano, reduzir sua capacidade de atacar rivais regionais e criar condições para que os iranianos derrubem seu governo clerical.

As sucessivas escaladas promovidas pelos EUA foram respondidas por ações cada vez mais intensas do Irã contra forças norte-americanas na região, aliados árabes de Washington no Golfo e embarcações comerciais.

A disputa por Ormuz continua sendo um dos principais pontos de conflito. Até agora, Washington não conseguiu obrigar o Irã a abrir mão de seu controle sobre a rota, o que elevou os preços do petróleo e pressionou os preços da gasolina nos EUA, um tema sensível para a política interna norte-americana.

Índia acelera plano para cercar a China no Indo-Pacífico

/ ÁSIA

Eclipsado pela atenção global no Oriente Médio e pelos protestos estudantis em casa, o primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, acelerou um projeto que visa criar uma aliança informal de países cercando seu principal rival geopolítico, a China. Em maio, recebeu em Nova Délhi o líder do Vietnã, To Lam. Em junho, foi às Ilhas Seychelles. Em julho, Modi visitou Indonésia, Austrália e Nova Zelândia. Logo depois, recebeu em Nova Délhi a primeira-ministra do Japão, Sanae Takaichi.

Em todos os encontros houve a assinatura ou reforço de acordos de cooperação econômica e de defesa. No caso vietnamita e indonésio, foram revelados negócios inéditos para a venda do míssil de cruzeiro supersônico russo-indiano BrahMos.

Em comum, todos os envolvidos são rivais do colosso chinês. “A Índia não tem o poder bruto para se contrapor à China por meios militares ou econômicos. Como ela é relutante em aderir a alianças formais, a única alternativa é criar uma coalizão mais frouxa que possa envergonhar, constranger ou colocar barreiras quando a China for mais agressiva”, disse à reportagem Kanti Bajpai, professor de relações internacionais da Universidade Ashoka (Índia). Bajpai foi um dos primeiros pesquisadores a mapear as pretensões de Modi, em 2017, quando o premiê nacionalista estava no poder havia três anos.

Foi também em 2017 que Modi participou do relançamento do Quad, o grupo de segurança conjunta com Estados Unidos, Japão e Austrália, que novamente se autoexplica observando a posição dos países em relação a Pequim.

Mas Bajpai não extrapola quando o tema é pretensões militares, ainda que as Forças Armadas

indianas sejam vastas e equipadas com estimadas 190 ogivas nucleares, ante 600 dos rivais chineses.

Segundo ele, o país não tem capacidade de promover um bloqueio marítimo sozinho no oceano Índico, e o temor de uma escalada nos confrontos fronteiriços de 2020 e 2022 com os chineses ainda ressoa em Nova Délhi. “Modi é muito cauteloso agora com Xi (Jinping, o líder da China)”, diz.

Em 2024, os rivais se encontraram pela primeira vez em cinco anos e selaram uma discreta reproximação, reafirmada em reunião no ano passado.

O Brics, grupo do qual ambos os países são fundadores ao lado de Brasil e Rússia, serve à estratégia de manter canais abertos, ainda que com a desconfiança vigente.

O professor lembra que um choque direto seria pior para a Índia, que no ano passado viu a China voltar ao posto de maior parceiro comercial com enorme superávit: dos US\$ 151 bilhões da corrente comercial entre os países, US\$ 112 bilhões foram em favor de Pequim.

Pensa algo diferente outro analista que se debruçou sobre o tema recentemente, George Friedman, um dos papas da geopolítica norte-americana e dono da consultoria Geopolitical Futures. “Modi parece ter alcançado um feito histórico”, escreve. Para ele, a questão não é a Índia isoladamente, mas o arco de alianças - particularmente com a Indonésia, que controla com a Malásia o principal gargalo marítimo do Índico, o estreito de Malaca, por onde passa 80% da energia consumida pelos chineses e boa parte de sua exportação.

Ele e Bajpai concordam que a intensificação de laços militares é um fator novo. Até então, além de ser um grande cliente de armas russas, Nova Délhi não tinha se projetado tanto na região.

Número de mortos após entrada em Ceuta chega a 88

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O número de mortos na tentativa de entrada em massa em Ceuta, território espanhol no norte da África, subiu para 88 pessoas. As autoridades de Ceuta confirmaram a morte de 88 pessoas perto do quebra-mar de Tarajal. A maioria morreu por afogamento após uma tentativa de entrada em massa no dia 30 de julho.

Os corpos foram levados para o antigo Hospital Militar da cidade.

A maioria das mortes aconteceu na quinta-feira passada durante a travessia marítima na fronteira com o Marrocos. Cerca de 73,5 mil migrantes deixaram Ceuta e retornaram ao território marroquino. O cálculo é das Forças de Segurança do Estado e abrange as pessoas que saíram após a onda migratória.

O total estimado pode incluir pessoas que entraram e saíram mais de uma vez da cidade. Segundo fontes do governo local,

também há registros de pessoas que haviam chegado em dias anteriores. Pequenos grupos de imigrantes ainda se recusam a deixar o território espanhol.

O governo instalou uma barreira flutuante de 500 metros no quebra-mar de Tarajal. Cerca de 3 mil agentes de segurança continuam monitorando a fronteira por tempo indeterminado. “Eles permanecerão enquanto for necessário”, garantiu o delegado do governo em Ceuta, Miguel Ángel Pérez.



Narendra Modi realizou uma série de encontros com aliados